

2

Abordagens teóricas da narrativa

Ao narrar as experiências de intercâmbio no Brasil, jovens intercambistas constroem e reconstróem identidades nos diferentes entre-lugares que ocupam. Assim, as narrativas contadas por eles nos três momentos de entrevista de pesquisa representam seus deslocamentos no processo de intercâmbio, que marcam deslocamentos espaciais entre o “aqui” e o “lá”, deslocamentos temporais entre passado, presente e futuro, deslocamentos emocionais relacionados ao distanciamento de familiares e amigos e à oportunidade de novas experiências e deslocamentos sociais representados pela inserção em uma nova nação e em novos espaços de convivência e escolarização. Neste sentido, as narrativas de deslocamento apresentadas por Baynham & De Fina (2005) se mostram como aporte teórico relevante no processo de compreensão das narrativas co-construídas interacionalmente que relatam deslocamentos humanos (ver seção 2.1).

Ao reconhecer as narrativas como construtos interacionais, torna-se relevante apresentar o estudo das narrativas, inicialmente desenvolvido por Sacks (1972, 1984) e aprimorado por Schegloff (1984, 1987), Garcez (2001), entre outros. Neste caso, a narrativa conversacional, aquela que ocorre nas interações cotidianas, é o foco de estudo, com postura diferenciada dos estudos das narrativas labovianas contadas no decorrer das entrevistas de pesquisa.

Levando-se em consideração que as narrativas analisadas no presente estudo são provenientes de situações interacionais de entrevista de pesquisa, cabe trazer a discussão da entrevista de pesquisa como um contexto interacional, dentre tantos outros e, ainda, como um contexto que auxilia na geração de narrativas em resposta às perguntas do entrevistador. Mishler (1986) afirma que as perguntas de entrevista de pesquisa são propícias ao desenvolvimento de narrativas, desde que o entrevistador permita que os entrevistados mantenham o turno por um período mais longo e participe da narração, ainda que apenas incentivando o entrevistado a permanecer com o turno. Schiffirin (1997), ainda, reforça a idéia de que mesmo em perguntas fechadas, que buscam respostas diretas, narrativas são contadas por

entrevistados. Assim, nesse processo de negociação de turnos, a apresentação de narrativas se torna local de “trabalho de construção de sentidos” (Baker, 2001).

As narrativas geradas serão grandes narrativas, no curso das entrevistas realizadas no processo de intercâmbio, no sentido que retratam porções de vida dos sujeitos entrevistados, e são trechos de suas “histórias de vida” (Linde, 1993). Ao mesmo tempo, muitas narrativas se constituem como pequenas narrativas (Georgakopoulou, 2007; Bamberg & Georgakopoulou, 2008), desenvolvidas na ordem da interação, e são diferenciadas dos critérios básicos de construção de narrativa na proposta laboviana. Todas as narrativas analisadas no âmbito da presente pesquisa são co-construídas interacionalmente e suas contagens e recontagens levam em consideração as pessoas envolvidas tanto em contar/recontar quanto em ouvir as histórias.

Os estudos de Labov & Waletzky (1967) e Labov (1972), que se preocuparam em estabelecer a estrutura básica das narrativas de experiência pessoal, contadas durante entrevistas de pesquisa, também se mostram relevantes na medida em que propõem um ferramental teórico para a análise de elementos recorrentes na estrutura das narrativas.

A partir das narrativas de seus deslocamentos, os estudantes negociam, afirmam e negam identidades para si e para os “outros” que emergem em seus relatos. As construções identitárias nas narrativas contadas por estes jovens têm seu embasamento teórico nos trabalhos de De Fina (2003), Georgakopoulou (2007) e Mishler (2002). Esses trabalhos levam em conta as múltiplas identidades dos indivíduos e o caráter processual e interacional das apresentações identitárias.

Neste capítulo, portanto, inicio com as teorias narrativas que tratam das narrativas de deslocamento (Baynham e De Fina, 2005). Em seguida, passo para a relação entre narrativa e interação, apresentando as conceptualizações de narrativas no âmbito da Análise da Conversa (Sacks, 1972, 1984; Schegloff, 1984, 1987); discorro sobre a questão das narrativas produzidas em contextos de entrevistas de pesquisa (Mishler, 1986; Schiffrin, 1997; Baker, 2001) e então defino as grandes e pequenas narrativas (Bamberg, 2006; Freeman, 2006; Georgakopoulou, 2007). Na seção 2.3, a partir do aporte teórico elaborado nos trabalhos de Labov & Waletzky (1967) e Labov (1972), trato dos elementos recorrentes na estrutura narrativa e concluo com a discussão das relações entre narrativa e identidade (Mishler, 2002; De Fina, 2003; Georgakopoulou, 2007).

2.1.

Narrativas de deslocamento

Ao tomar a decisão de participar de um programa de intercâmbio, o jovem estudante aceita passar por um processo de deslocamento físico/geográfico, sociocultural e lingüístico. Todavia, o que nem sempre está incluído na decisão, mas necessariamente está incluído no programa de intercâmbio, são os deslocamentos emocionais. Todo processo de migração, seja ele permanente ou temporário, é, além de um processo de deslocamento físico, um processo de deslocamento temporal, emocional e social.

Estes aspectos multifacetados do deslocamento contribuem para a geração de narrativas, cujos focos podem variar, porém estarão sempre envolvendo uma das facetas do deslocamento mostrando, portanto, “a construção subjetiva dos movimentos dos seres humanos” (Baynham & De Fina, 2005, p.2). Para as narrativas que tratam destes processos, Baynham & De Fina (2005) apresentam o conceito das “narrativas de deslocamento” como *loci* importantes para o estudo e a compreensão das construções dos sujeitos em seus movimentos como atores sociais, das formas como as representações são apontadas, como identidades são construídas e reconstruídas ao longo do discurso e como os narradores se posicionam e posicionam os “outros” socialmente. Trata-se de uma proposta voltada para a emergência e construção de narrativas que são negociadas no processo interacional de acordo com o contexto e os atores envolvidos. As narrativas de deslocamento envolvem orientação em mundos sociais, práticas de deslocamento e de espacialização, e deslocamentos institucionais (Baynham & De Fina, 2005, p.5); elas são articuladas na ordem da interação. Conforme afirmam Pereira & Santos (2009, p.136-137), as narrativas de deslocamento representam “um ponto de partida não somente para discutir a teoria narrativa, mas também para considerar o papel da narrativa dentro do fenômeno social e de movimentos centrais na modernidade”.

Para estes intercambistas, os deslocamentos serão sempre confrontados com a necessidade de reposicionamento pessoal. Ele pode ser um deslocamento físico (como o das viagens); pode ser um deslocamento emocional (como o de deixar familiares e amigos e o de viver em uma nova família por um ano); pode

ser social (como viver em uma cidade de interior, sem muitas opções de lazer ou como adaptar-se ao status social de suas famílias brasileiras); e pode também ser um deslocamento no tempo (como nas recontagens, que são construídas e reconstruídas a cada interação, trazendo aspectos temporais diferenciados e gerando, muitas vezes, comparações entre “aqui” e “lá”). A migração não é, portanto, “simplesmente uma questão de movimentos transnacionais de pessoas: as pessoas migram entre fronteiras, mudando de classes sociais, deixando outros seres humanos para trás” (Baynham & De Fina, 2005, p.89).

Desta forma, os deslocamentos de reposicionamento social, temporal, espacial e emocional ficam ainda mais marcados nas narrativas dos intercambistas. Assim como apresentam Baynham & De Fina (2005, p.8), no caso dos intercambistas,

as narrativas apresentadas (...) são traços discursivos das trajetórias no espaço e no tempo, de aqui para lá (e algumas vezes, do retorno) de maneiras que reconfiguram permanentemente o modo como ‘aqui’ e ‘lá’ podem ser entendidos. Estas trajetórias constroem e reconstroem espaços sociais, identidades e práticas de forma que os mesmos são sempre situados e contextualizados, produzidos localmente, no entanto, indexados globalmente.

Ao relatar estes processos, narrando sobre os locais deixados e ocupados e apresentando experiências complexas de deslocamentos e relocações, e as tentativas de se “reposicionarem” não apenas no espaço físico, mas também no espaço social, a linguagem tem grande importância (Collins, In: Baynham & De Fina, 2005, p.243). No processo de intercâmbio

não só os estilos, mas também as variedades lingüísticas migram, tornando-se recursos para novos tipos de trabalho identitário em novas condições sociais. Portanto, os falantes podem não concordar com a posição um do outro, no discurso. (Baynham & De Fina, 2005, p.89)

Baynham (In: Baynham & De Fina, 2005, p.23), ao estudar as migrações de mulheres marroquinas, afirma que “neste espaço sociolingüístico multilíngüe, a escolha da língua tem um papel significativo para a tomada de uma posição de fala empoderada”. Ainda, segundo ele, os falantes podem utilizar mais de uma língua, para solucionar problemas lexicais ou mobilizar alguns elementos da recontagem. Também nas narrativas dos intercambistas, a escolha da língua tem fortes relações com suas agentividades e posicionamentos de poder.

Ao narrar histórias de seus deslocamentos, os intercambistas redefinem seu posicionamento e a forma de posicionar os “outros”, reconceitualizando as noções de “aqui” e “lá”.

2.2.

Narrativa e interação

Os estudos voltados para a relação entre narrativa e interação tiveram como suporte teórico abordagens que dessem conta de analisar narrativas geradas em interações face-a-face, na vida cotidiana envolvendo o processo de intercâmbio, no decorrer da chegada, permanência e retorno, de forma diferenciada de narrativas de experiência pessoal contadas em contextos de entrevista de pesquisa, como nos casos estudados por Labov & Waletzky (1967) e Labov (1972).

Nesta seção, estão incluídas as abordagens que consideram a narrativa em seu aspecto interacional, iniciando pela Análise da Conversa, seguindo pelas narrativas geradas em contextos de entrevista de pesquisa e concluindo com as grandes e pequenas narrativas.

2.2.1.

Narrativa e Análise da Conversa

As narrativas contadas face-a-face, na vida cotidiana, são objeto de estudo do sociólogo Harvey Sacks ([1968] 1992, 1972), que se preocupa com a compreensão dos processos interacionais de construção da narrativa.

A abordagem da narrativa na Análise da Conversa é diferenciada da abordagem da Sociolinguística laboviana, que estuda narrativas contadas a partir de entrevistas estruturadas, através de perguntas prontas que visavam levar os entrevistados a narrarem “livremente” suas histórias de experiência pessoal, de forma a minimizar interferências provocadas pelo “paradoxo do observador”. As narrativas estudadas por Sacks ([1968] 1992, 1972) pautavam-se em narrativas de situação cotidiana, na qual o falante precisa, necessariamente, negociar o turno com o(s) ouvinte(s), de forma a obter uma permissão prévia para ocupar um turno

longo de fala para construir uma narrativa. Só depois da negociação do turno é que a história poderá ser contada.

Nas narrativas cotidianas, na ordem interacional, um prefácio é feito pelo narrador, que funciona como unidade de negociação para a tomada de um turno mais longo. Ao aceitar que o narrador conte sua história, cabe ao ouvinte o papel de fazer pequenas inserções, através de comentários ou através de “humhum”, ou de perguntas para esclarecer suas dúvidas, demonstrando atenção e permitindo que o falante mantenha o turno. Conforme afirma Garcez (2001, p.193),

para contar uma história (...) é preciso executar duas tarefas:

1. solicitar a suspensão momentânea da sistemática de troca de turnos, assegurando um espaço privilegiado de acesso à palavra para uma fala mais longa do que uma unidade de construção do turno, sem contudo oferecer uma previsão quanto ao número total de unidades em sua extensão até a atividade narrativa estar completa;
2. assegurar a atenção dos outros participantes de um modo alternativo, em função da suspensão da sistemática de troca de turnos.

As narrativas cotidianas são contadas “no decorrer de uma ocasião interacional, ou na trajetória de uma conversa, ou para interromper a conversa (Jefferson, 1978; Sacks, 1974, 1992)” (Schegloff, 1997, p.97).

Ao final de uma história, segundo Sacks (1984), é comum que outras sejam geradas. Essas segundas histórias servirão para demonstrar compreensão a respeito da primeira história contada e terão, portanto, tópicos iguais ou próximos ao da primeira narrativa. Todavia, a proximidade temporal não será requisito para as mesmas, já que um evento ocorrido há muito tempo pode servir como reforço para a primeira história. A necessidade de demonstração de atenção constante por parte do ouvinte, bem como a elaboração de perguntas ou comentários e o acréscimo de segundas narrativas, indicam o caráter interacional de uma narrativa e, portanto, fazem com que elas sejam, necessariamente, co-construídas: “contagem de histórias no cotidiano é, resumindo, (escolha o termo) uma co-construção, algo alcançado interacionalmente, uma produção conjunta, uma colaboração e assim por diante” (Schegloff, 1997, p.97). A preocupação principal está no estudo do processo interacional e na co-construção de significados. O contexto no qual as narrativas são contadas também é levado em consideração. Como aponta Schegloff (1997, p.103),

considere a diferença entre (...) histórias que precisam “traçar seu próprio caminho” e aquelas que são respostas a questionamentos, convites, solicitações ou que possam ser introduzidas sob um destes disfarces. Aqui, estamos notando não apenas a característica especial de histórias em “segunda posição” no sentido de serem produzidas em resposta a uma pergunta se comparadas às histórias narradas numa tomada de fala, mas também o fato de que pode haver diferenças gritantes entre histórias solicitadas (e ainda mais entre as histórias já conhecidas que são solicitadas e as não conhecidas) e aquelas elicitadas, nas quais uma pergunta gera uma história sem que tenha sido especificamente requerida.

O “recipiente” (ou ouvinte) é, então, “um componente irremediável na contagem da história. Mesmo se ele permanecer quieto (e talvez especialmente neste caso), sua presença e conduta entrarão na contagem da história” (Schegloff, 1997, p.102).

2.2.2.

Narrativas no contexto da entrevista de pesquisa

Nas entrevistas realizadas com os intercambistas nota-se a constante elaboração de narrativas em resposta às perguntas da entrevistadora. No caso dos estudantes de intercâmbio, como comentado na seção 2.1, as narrativas geralmente são contadas em relação aos seus deslocamentos geográfico, temporal, emocional, sociocultural e lingüístico.

Mishler (1986, p.67) afirma que “contar histórias é uma das formas significativas que indivíduos possuem para construir e expressar significados”. Para o autor, entrevistas são vistas como “evento de fala cuja estrutura e significado são produzidos conjuntamente por entrevistadores e entrevistados” (1986, p.105). Em uma proposta interacional para o estudo de narrativas no contexto de entrevistas, ele destaca que é bastante comum que as respostas dadas nas entrevistas de pesquisa tenham a forma de narrativas, caso o entrevistador dê ao entrevistado a oportunidade de manter o fluxo de fala. As narrativas podem surgir como respostas tanto a perguntas abertas quanto a perguntas fechadas. Mishler (1986, p.105-106) afirma ainda que,

[as narrativas] podem ser elicitadas por perguntas diretas para “se contar uma história”, mas podem também aparecer como respostas a perguntas específicas sobre tópicos determinados e em relatos de eventos e experiências de vida significativos, feitos por indivíduos em entrevistas em profundidade. Quando

entrevistadores permitem que os entrevistados falem e quando os investigadores estão atentos às possibilidades e buscam narrativas, sua ubiqüidade é evidente.

O papel do entrevistador no decorrer da entrevista, sua demonstração de atenção, encorajamento para que o entrevistado mantenha a fala e as interrupções e sinalizações de concordância ou discordância serão cruciais para a forma como a resposta será elaborada. Também a própria maneira usada pelo entrevistador para propor as perguntas influencia na construção da história. O contexto de entrevista de pesquisa mostra-se, portanto, como um contexto rico para a produção de narrativas. Schiffrin (1997) comenta que, em entrevistas feitas por ela, mesmo com perguntas voltadas para a obtenção de respostas diretas e precisas, usadas para a análise de dados quantitativos, muitas das respostas foram dadas como narrativas.

Na abordagem etnometodológica de construção de narrativas, as respostas às perguntas nos contextos de entrevista são vistas como “accounts”.

... “accounts” são entendidas como um trabalho de construção de sentidos através do qual os participantes engajam em explicar, atribuir, justificar, descrever e encontrar possíveis sentidos ou ordenações nos vários eventos, pessoas, lugares e cursos de ações sobre os quais falam. (Baker, 2001, p.781)

É a partir da negociação de turnos entre entrevistadores e entrevistados que as respostas são estruturadas, seja como narrativa, ou como uma resposta direta, às vezes, de apenas uma palavra.

Enquanto o entrevistado constrói e elabora as respostas ativamente, ele ou ela não “dispara” a falar, simplesmente. Nem narrativas elaboradas, nem respostas de uma palavra emergem sem provocações. O papel do entrevistador ativo é incitar as respostas dos entrevistados, virtualmente ativando a produção de narrativas. (...) o entrevistador conscientemente ativo intencionalmente provoca respostas indicando – ou mesmo sugerindo – posições narrativas, recursos, orientações e precedentes. (Holstein & Gubrium, 2003, p.75)

É nesse sentido que a postura do entrevistado tanto na proposição de tópicos quanto na decisão de tomadas e manutenção de turno auxilia na construção de narrativas nos contextos de entrevistas de pesquisa, já que permite que, através da negociação, seja mantido um turno maior para a contagem da história, sem interrupções do entrevistador:

...uma das formas significativas através da qual indivíduos fazem sentido e dão significado às suas experiências é organizando-as em forma narrativa. Como veremos, várias tentativas de reestruturar a relação entrevistador-entrevistado de forma a empoderar entrevistados são voltadas para encorajá-los a encontrar uma forma de falar com suas próprias “vozes”. Não é de surpreender que quando uma situação de entrevista é iniciada desta forma, quando o balanço do poder é modificado, entrevistados tendam a contar “histórias”. (Mishler, 1986, p.119)

Outra forma de dar significado a experiências é o relato. Segundo Polanyi (1982, p.511), o relato refere-se a “eventos específicos que ocorreram em momentos específicos no passado e que estão relacionados ao momento da narração”. Em termos lingüísticos, ele se assemelha às histórias, mas é um gênero discursivo socialmente distinto.

As perguntas feitas pelo entrevistador não são neutras e, a partir das formulações e reformulações das perguntas, o entrevistador já propõe papéis, assinala identidades e posicionamentos. Assim, “o trabalho identitário que emerge na entrevista é tanto um produto da pergunta quanto da resposta” (Baker, 2001, p.787). As narrativas, relatos (Polanyi, 1982) e “accounts” (Baker, 2001) que emergem são, portanto, co-construídos entre entrevistadores e entrevistados, no esforço conjunto de se alcançar significados locais. Conforme Pastor & De Fina (In: Baynham & De Fina, 2005, p.250) afirmam, “as histórias são elicitadas e contadas para algum propósito, talvez apenas para entreter ou passar o tempo, mas em geral, para fins mais específicos”. A finalidade de cada história dependerá do contexto interacional e das negociações entre entrevistadores e entrevistados e, ainda, levando-se em consideração os propósitos da pesquisa em desenvolvimento e os propósitos dos entrevistados com relações de pertencimento e não pertencimento a determinados grupos sociais.

2.2.3.

Grandes narrativas

O reconhecimento de uma história como narrativa quase sempre esteve ligado às “grandes histórias” (Bamberg, 2006; Freeman, 2006) – sejam elas histórias de vida (Linde, 1993) ou histórias longas, produzidas no contexto de pesquisa (Labov, 1972) ou em contextos de terapias (Bruner, 1990). As grandes narrativas são, em geral, produzidas em situações de entrevista em que o

pesquisador busca interferir ao mínimo na contagem das histórias ao mesmo tempo em que procura suscitar a maior quantidade de narrativas possíveis de seu entrevistado.

Conforme a definição de Freeman (2006, p.132),

grandes histórias são aquelas narrativas, que quase sempre derivam de entrevistas, encontros clínicos e outros meios interrogativos, que apresentam uma medida significativa de reflexão sobre um evento ou uma experiência, uma porção significativa da vida ou a vida como um todo.

Segundo Freeman (2006, p.133), compreender as grandes narrativas vai além de compreender o contexto específico da interação para compreender os “grandes” significados da vida.

Dentre as grandes histórias, se enquadram as histórias de vida (Linde, 1993). As histórias de vida são narrativas orais descontínuas, que “têm como avaliação primária um ponto sobre o falante e não um ponto geral sobre como o mundo é” (Ibid., p.21). Elas têm reportabilidade estendida por um longo período de tempo e podem ser contadas e recontadas várias vezes. Segundo a definição de Linde (1993, p.21),

uma história de vida consiste em todas as histórias e unidades de discurso associadas, como explicações e crônicas, e as conexões entre elas, narradas por um indivíduo no decorrer de sua vida que satisfaça os dois critérios seguintes:

1. As histórias e unidades de discurso associadas contidas na história de vida têm como avaliação primária um ponto sobre o falante e não um ponto geral sobre como o mundo é.
2. As histórias e unidades de discurso associadas têm reportabilidade estendida; ou seja, são reportáveis e são contadas e recontadas no curso de um longo período de tempo.

A cada recontagem, elas costumam sofrer alterações, já que, por durarem por um longo tempo, o narrador pode abandonar antigos significados e adicionar novos, dependendo do contexto da recontagem, dos ouvintes envolvidos e do grau de relacionamento do falante com os ouvintes. Embora os trechos possam sofrer mudanças, no decorrer do tempo, a história precisa ser coerente ao longo da vida. Além da demanda pela coerência pessoal e interpessoal, há também sistemas de coerência de senso comum e sistema de coerência compartilhados por especialistas.

Através das histórias de vida expressamos quem somos:

as histórias de vida expressam nossa noção de self: quem somos e como nos tornamos assim. São também meios importantes através dos quais comunicamos essa noção de self e a negociamos com os outros. Além disso, usamos estas histórias para afirmar ou negociar pertencimento a grupos e para demonstrar que verdadeiramente somos membros dignos de tais grupos, entendendo e seguindo corretamente seus padrões morais. Por último, as histórias de vida tocam na mais ampla das construções sociais, já que apresentam pressuposições sobre o que pode ser esperado, quais são as normas, e quais sistemas de crença especiais ou comuns podem ser usados para estabelecer coerência (Linde, 1993, p.3).

Assim, todas as pessoas possuem uma história de vida, que será narrada de acordo com a necessidade social nos contextos interacionais e de acordo com os interagentes. As demandas sociais a respeito da natureza de uma história de vida limitam a forma como a narrativa será construída. Essas demandas servem também para selecionar os temas das narrativas. As histórias de vida não podem ser apenas uma coletânea de fatos ou incidentes; elas precisam ter seqüencialidade para que façam sentido como tal. Os temas comuns incluem marcos, tais quais a escolha da profissão, casamento, divórcio, doenças graves e conversões religiosas ou ideológicas. Esses temas são definidos culturalmente, já que eventos que são considerados marcos em uma cultura podem não o ser em outras. Além disso, as histórias de vida são temporalmente descontínuas, interpretativa e estruturalmente abertas, de forma que qualquer contagem de uma de suas partes será necessariamente incompleta. Não é possível que um indivíduo, de uma só vez, narre toda sua história de vida.

As narrativas contadas por estudantes de intercâmbio, que vivem por um ano no Brasil, retratam porções significativas de suas vidas e adquirem reportabilidade estendida, justamente porque as trajetórias pelas quais passam representam marcos em suas vidas. Os trechos das histórias de vida relacionadas à decisão da viagem, à chegada, permanência e ao retorno do intercâmbio podem ser contados e recontados com diferenças tanto no ponto da história, quanto na construção de identidades, já que esta experiência propicia mudanças na percepção e atuação social destes indivíduos, nos entre-lugares que estabelecem.

2.2.4.

Pequenas narrativas

A proposição em relação às pequenas narrativas, em uma discussão recente, estabelecida principalmente por Georgakopoulou (2007) e Bamberg & Georgakopoulou (2008), é diferenciada, e se contrapõe às grandes narrativas. As pequenas histórias remetem a práticas sociais (cotidianas ou não) e a proposta da análise é feita sem a preocupação de satisfazer às normas estabelecidas para as grandes narrativas. Para o estudo das narrativas, essa mudança de perspectiva significa que

em vez de tratá-las como um supra-gênero com características estruturais fixas (ou seja, unidades estruturais inflexíveis e invariáveis), dá-se ênfase às estruturas narrativas como respostas dinâmicas e que se desenvolvem gradualmente em situações retóricas recorrentes, como recursos mais ou menos estabelecidos agentivamente e estrategicamente, negociados e reconstruídos de outra forma em contextos locais. (Georgakopoulou, 2007, p.8)

Assim, a narrativa como prática social permite analisar não só o que é regular e habitual em dados contextos de interação, mas também o que é emergente e situacional de acordo com cada contexto específico. Através das narrativas, é possível representar o próprio falante e o “outro”, em relações de intertextualidade e de interações complexas entre eventos e contagens do passado, presente e futuro. Ressalta-se o papel da “inter-narratividade” ao se levar em consideração as redes estabelecidas entre passado, presente e futuro, no ato de narrar. Assim, o termo “pequenas histórias”, segundo Bamberg & Georgakopoulou (2008, p.381),

é empregado como um termo amplo que cobre uma variedade de atividades narrativas sub-representadas, tais quais as contagens de eventos em andamento, eventos hipotéticos ou futuros, eventos compartilhados (e já conhecidos), mas também inclui alusões a contagens (prévias), adiamentos e recusas para se contar uma história. Essas narrativas são tipicamente pequenas, se comparadas às páginas e páginas de transcrições de narrativas de entrevistas. No entanto, em um nível metafórico, o termo [pequenas histórias] localiza um nível e uma estética para a identificação e análise da narrativa: a pequenez da fala, na qual momentos transitórios da orientação narrativa para o mundo podem facilmente passar despercebidos por uma lente analítica que toma apenas (‘grandes’) histórias requintadas como o protótipo a partir do qual o vocabulário analítico deve emergir.

O que Bamberg & Georgakopoulou (2008) propõem é que as narrativas sejam analisadas com base nas ações e funções sociais que exercem na vida dos participantes, como elas são utilizadas na vida cotidiana, criando e recriando sentido para quem as conta e ouve. Nesse sentido, as narrativas constroem personagens no espaço e no tempo. Como construções situadas, tempo e espaço podem ser negociados, contestados ou redimensionados pelos participantes.

Assim, a orientação passa a ser parte essencial do enredo, em oposição à noção de orientação da estrutura narrativa laboviana, em que a orientação é apenas mais uma das partes da estrutura da narrativa, não sendo um item obrigatório. A orientação, na proposta de Georgakopoulou (2007), leva em consideração as relações quase sempre presentes entre tempo e espaço.

Tempo e espaço, portanto, serão elementos de uma ação situada e estarão condicionados às percepções e práticas dos participantes, bem como serão influenciados pelo local geográfico no qual os participantes estão inseridos. De Fina (2010), ao tratar do papel da orientação nas narrativas de migrantes que vêm a travessia de fronteiras como uma experiência de desorientação, ressalta também o caráter situacional da orientação nas narrativas. Segundo a autora (Ibid.), as orientações estão sujeitas a variações, de acordo com as circunstâncias, relações entre os interlocutores e o contexto de ocorrência das narrativas. Ainda,

o grau de compartilhamento e negociação da orientação nas narrativas indica papéis sociais e relações encenadas por contadores e ouvintes. Também mostra como os dispositivos de orientação usados pelos narradores indicam modos de apreender, reconstruir e representar a experiência pessoal e social. (De Fina, 2010, p.86)

É também pensando nas relações entre tempo e espaço que Georgakopoulou (2007) propõe que as narrativas de eventos projetados (ou seja, que ainda não ocorreram), também são passíveis de serem analisadas. Segundo a autora (Ibid.), as narrativas de eventos futuros quase sempre têm por base acontecimentos passados e têm o espaço negociado, também a partir de experiências passadas.

Georgakopoulou reconhece e identifica outros tipos de narrativa que, em geral, não são levadas em consideração nos estudos de “narrativas canônicas”. Bamberg & Georgakopoulou (2008) e Georgakopoulou (2007) identificam os tipos de pequenas histórias mencionados abaixo.

As “histórias que serão contadas” se referem a introduções de histórias, muitas vezes feitas em forma de perguntas, como “sabe o que aconteceu hoje?”, cujas narrações são postergadas, com frases como “depois eu te conto, porque agora estou com pressa”. Nesses casos, há uma construção explícita de “narrativização em processo” e o tempo futuro indefinido é essencial para que a narrativa possa ser realizada. Aqui a influência que tempo e espaço podem ter em uma narrativa fica clara, já que algumas dessas histórias deixam de ser contadas devido ao fato de os participantes estarem em um local indevido para a continuidade da narrativa proposta, ou em um momento impróprio para tal.

O que Georgakopoulou (2007, p.42) classifica como “breaking news” se refere às notícias que acabam de acontecer, ou que ainda estão acontecendo. As “breaking news”, que aqui ousou chamar de “notícias frescas”¹, também retratam as preocupações e assuntos principais do falante. Em geral, elas trazem partes da vida e de momentos experienciais que são retrabalhados de acordo com as preocupações focais do falante.

As “projeções” são histórias sobre eventos que acontecerão em um futuro próximo. Elas envolvem o planejamento de ações e interações verbais. Em geral, as projeções são baseadas em eventos passados. É como se houvesse um planejamento futuro com base nas experiências e vivências passadas dos falantes.

As “histórias compartilhadas” são freqüentemente renarradas nas conversas cotidianas. Cada recontagem, porém, tem um propósito diferente: provar um ponto de vista, convencer outros participantes sobre um assunto relevante, comparar duas situações ou mesmo exemplificar uma situação. Por conta disso, as histórias compartilhadas estão muitas vezes encaixadas em outras práticas discursivas.

As “referências” são tipos de histórias compartilhadas que, de tanto serem recontadas, passam a ser contadas com apenas algumas palavras, gestos ou expressões para que sejam ativadas por um grupo de pessoas. As referências, às vezes, acabam assumindo o papel de reidentificar pessoas, acontecimentos e lugares através da analogia da história à qual a referência está conectada e de uma nova caracterização semelhante.

¹ O termo “breaking news”, em inglês, parece ser usado como um termo da área de Comunicação Social. Não havendo termo correspondente em português, tomo a liberdade de fazer uma tradução livre do termo como “notícias frescas”.

Certamente não são excluídas dessa perspectiva as “histórias de eventos não-recentes”. As histórias passadas, diferentemente da perspectiva laboviana (ver. seção 2.3), não precisam ser de um fato extraordinário. Elas podem ser contadas e recontadas, dependendo do propósito que a contagem exerce.

Cada um desses tipos de pequenas histórias tem características próprias, que variam de acordo com as normas e práticas locais e também de acordo com o contexto comunicacional em que ocorrem.

Esses não são os únicos tipos de pequenas narrativas, e os autores (Bamberg & Georgakopoulou, 2008) argumentam que é necessário que pesquisadores se debrucem sobre outros dados, de diferentes comunidades de prática e contextos sociais, para que outros tipos de pequenas histórias possam ser identificados.

As formas de contar histórias capturam temas e estilos de narrar que são moldados socioculturalmente e parcialmente convencionalizados (variando de recursos de enquadramento gerais a modos de construção do enredo) que são, por sua vez, vistos como modos de agir, interagir, produzir e receber textos dinamicamente, reveladores de uma instância retórica e orientação no mundo. (Georgakopoulou, 2007, p.22-23)

A cada história contada, nos orientamos no mundo em que vivemos, e nos construímos de acordo com o contexto e as expectativas de cada interação social, de cada participante presente. É nesse sentido que as narrativas são, também, *loci* de construção de identidade (de nós mesmos e de outros).

2.3.

Narrativas de experiência pessoal

As publicações seminais de Labov & Waletzky ([1967] 2003) e Labov (1972) trouxeram o ponto de partida para toda a discussão dos estudos da narrativa oral no âmbito da Sociolinguística. Cabe ressaltar que, em ambos os trabalhos, os autores se empenham em delimitar e apresentar a estrutura das narrativas orais, de experiência pessoal.

Segundo Labov & Waletzky (1967, p.74),

ao examinar as narrativas reais de um grande número de falantes não sofisticados, será possível relacionar as propriedades formais da narrativa às suas funções. Ao estudar o desenvolvimento da narrativa de crianças, adolescentes e adultos, e a variedade de técnicas narrativas utilizadas por falantes da classe baixa à classe média, será possível isolar elementos da narrativa.

Os autores então se propõem a fazer uma análise formal, “baseada nos padrões recorrentes característicos da narrativa, do nível da oração à narrativa simples completa” (1967, p.74), através do isolamento das unidades estruturais invariáveis e uma análise funcional, na qual a narrativa é considerada como “uma técnica verbal de recapitular experiência – em particular, uma técnica de construção de unidades narrativas que estão de acordo com a seqüência temporal desta experiência” (1967, p.74).

Labov & Waletzky (1967) passam então à definição da estrutura básica da narrativa de experiência pessoal que, segundo eles, é constituída por uma seqüência temporal, que se refere à apresentação de uma seqüência verbal de orações para uma seqüência de eventos que tenham ocorrido. Essa seqüência é estudada pelos autores, de forma a definir os tipos de orações que constituem a narrativa, até chegar à definição de narrativa: “qualquer seqüência de orações que contenha pelo menos uma junção temporal” (1967, p.88). Ou seja, “o esqueleto de uma narrativa consiste de uma série de orações ordenadas temporalmente que podem ser denominadas orações narrativas” (Labov, 1972, p.361). Assim, para eles, “a interpretação semântica de uma narrativa (...) depende da expectativa de que os eventos descritos tenham, de fato, ocorrido na mesma ordem em que foram narrados” (1967, p.91).

Em seguida, Labov & Waletzky (1967) tratam da estrutura geral das narrativas, tópico este que é retomado e reelaborado por Labov (1972).

O primeiro elemento que ele destaca é o resumo, que responde à pergunta “sobre o que é a narrativa?”. Ele é apresentado no início da narrativa, resume a história e apresenta o ponto da mesma.

Em seguida, apresenta-se a seção de orientação que serve para “orientar o ouvinte em relação a espaço, tempo, pessoas e suas atividades ou situação” (1972, p.364). Em geral, esta seção precede a primeira oração narrativa. No entanto, nem toda narrativa possui uma seção de orientação. A orientação responde à pergunta “quem, quando, o quê e onde?”.

A ação complicadora constitui o corpo principal das orações narrativas e é composta por uma série de eventos. Ela responde à pergunta “e então, o que aconteceu?”.

A avaliação responde à pergunta “e daí?” e se refere ao ponto da narrativa, sua razão de ser. Em muitas narrativas, a avaliação se funde ao resultado (ou resolução). As avaliações podem também suspender a ação complicadora. Assim, a avaliação é definida como “a parte da narrativa que revela a atitude do narrador em relação à narrativa, enfatizando a importância relativa de algumas unidades narrativas se comparadas a outras” (Labov & Waletzky, 1967, p.97).

A avaliação foi ressaltada por Labov & Waletzky (1967) e por Labov (1972) como uma das partes mais importantes no estudo da narrativa de experiência pessoal. Eles apresentam nestes dois trabalhos os tipos de avaliação e os elementos avaliativos na narrativa e discorrem sobre o papel da mesma. Assim, a seção de avaliação vem sendo amplamente discutida por pesquisadores que utilizam as teorias labovianas em suas metodologias de análise (ver Lira, 1987; Linde, 1997; Cortazzi & Jin, 2003; dentre outros).

Outro elemento constitutivo da narrativa de experiência pessoal é a resolução (ou resultado). Segundo Labov (1972, p.363), a resolução da narrativa “deve ser considerada como a finalização de uma série de eventos”.

Por último, Labov & Waletzky (1967, p.100) mencionam a coda, que é um “aparato funcional para retornar a perspectiva verbal para o presente”, ou seja, é “uma das muitas opções que o narrador tem para sinalizar que a narrativa acabou” (Labov, 1972, p.366).

Resumindo, portanto, os elementos da estrutura geral da narrativa, Labov (1972, p.369) afirma que

uma narrativa completa começa com uma orientação, prossegue para a ação complicadora, é suspensa no foco da avaliação antes da resolução, conclui com a resolução e leva o ouvinte de volta ao tempo presente, através da coda. A avaliação da narrativa forma uma estrutura secundária que se concentra na seção de avaliação, mas pode ser encontrada de várias formas no decorrer da narrativa.

A narrativa, porém, não precisa ser apresentada sempre com sua estrutura completa. A unidade básica para a realização da narrativa é a ação complicadora, apresentada na seqüência temporal. Portanto, uma das conclusões apresentadas pelos autores (Labov & Waletzky, 1967, p.101) é que a estrutura geral da

narrativa não é uniforme: “há diferenças consideráveis no grau de complexidade, no número de elementos estruturais presentes, e em como várias funções são realizadas”.

Cabe ainda ressaltar que, como Labov estuda as narrativas de experiência pessoal, não são consideradas por ele como narrativas orações que indiquem presente geral, expressões que indiquem hábito ou costume e expressões relacionadas ao futuro do pretérito (iria, faria). Da mesma forma, as orações subordinadas não constituem narrativa já que a seqüência das orações não pode ser modificada. Assim, para ele (1972, p.370-371), se o evento for muito comum e não for uma violação das normas de comportamento esperadas, ele deixa de ser reportável. Só serão reportáveis eventos estranhos, incomuns e não corriqueiros, em contraposição às visões de Linde (1993), para quem os tópicos da narrativa tratarão de “momentos de virada” na vida do narrador; e, de Bamberg & Georgakopoulou (2008), para quem os tópicos das histórias são negociados e co-construídos, independente de se tratar de eventos comuns ou incomuns.

2.4.

Narrativa e identidade

Uma questão importante nas abordagens narrativas é a construção de identidades do próprio narrador e dos outros participantes em presença ou mencionados nas contagens e recontagens. As abordagens das grandes narrativas vêem as narrativas como locais privilegiados para a construção de identidades (associadas a um evento passado – ver Freeman, 2006; Bamberg, 2006). A visão contemplada pelas abordagens das pequenas narrativas (ver Bamberg, 2006; Georgakopoulou, 2007), no entanto, enfatiza os mecanismos mediante os quais as identidades são construídas através da interação. Vê-se que as questões identitárias sempre tiveram relevância nos estudos das narrativas, pois “ao contar histórias, transmitimos aos outros um sentido de quem somos, de nossas crenças e valores” (Bastos & Oliveira, 2006, p.190).

No caso dos estudantes de intercâmbio, a própria questão do deslocamento faz com que construções identitárias sejam negociadas, gerando distinções e semelhanças entre o “aqui” e o “lá”, entre “nós” e “outros” ou entre “eu” e “eles”. Como afirma Georgakopoulou (2007, p.119),

construções do self podem ser dialógicas e relativas na medida em que construções sociais do “eu” estão integralmente relacionadas às construções de “nós”: moldadas e remoldadas através de processos da memória coletiva e história interacional compartilhada. Ao mesmo tempo, narradores não se preocupam apenas em apresentar o *self*. Eles também realizam trabalhos retóricos através da contagem de histórias: apresentam argumentos, desafiam as visões dos interlocutores e geralmente afinam suas histórias de acordo com os vários propósitos interacionais locais, seqüencialmente orientando-os em relação ao que já foi e ao que ainda vai ser dito (ver Bamberg 2004a). Neste sentido, o *self* não é apenas emergente on-line, mas também entrelaçado na negociação local e contingente à situação.

Além disso, aspectos do *self* (como gênero, idade, etnia) são co-articulados pelos interlocutores: negociados, contestados e conjuntamente rascunhados, simultaneamente e em vários graus de relevância e consequência. Por último, mas não menos importante, narradores também constroem os outros.

Ainda em relação à negociação de atribuições de identidades a si e aos “outros”, De Fina (2003, p.19) apresenta relações entre narrativa e identidade como atuantes em três níveis diferentes. São eles:

- a) Em um nível, a identidade pode estar relacionada à aderência do narrador a formas culturais de narrar através da articulação de recursos lingüísticos e retóricos. Os narradores se apóiam e criativamente constroem recursos narrativos compartilhados tais quais formas básicas da história, recursos retóricos e performáticos, estilos, que os identificam como membros de comunidades específicas.
- b) Em outro nível, identidade pode estar relacionada à negociação de papéis sociais (tanto locais quanto globais) que estão de acordo ou se opõem aos papéis atribuídos aos narradores pelas comunidades e indivíduos. Os narradores utilizam as histórias como estágios para a atuação, reflexão ou negociação de relações sociais e contribuem concretamente para perpetuá-las ou modificá-las.
- c) Ainda em outro nível, identidade pode ser relacionada à expressão, discussão e negociação de pertencimento a comunidades. Neste processo, a categorização do self e dos outros e a negociação de crenças e instâncias que ajudam narradores a se identificarem como membros de um grupo ou a se distinguirem em relação a membros de outros grupos é central.

Os três níveis apresentados acima ressaltam perspectivas de construções identitárias dos participantes. As identidades projetadas por narradores bem como os papéis de participação influenciarão nas negociações. Segundo Georgakopoulou (2007, p.92), há três tipos de papéis que os narradores podem assumir que serão importantes como base para as co-construção de identidades e papéis sociais macro:

- a) Os papéis que os participantes assumem em relação à estrutura emergente da história.
- b) A ação performada por cada contribuição em relação a contagens anteriores.
- c) O formato de turno dos participantes na história, ou seja, os recursos e escolhas lingüísticas locais em operação.

Os aspectos acima mencionados só terão relevância se reconhecermos que a construção das narrativas pelos participantes está diretamente relacionada aos processos socioculturais e de construções do *self* e dos “outros”. Assim, as narrativas serão socioculturalmente negociadas e sua co-construção dependerá das experiências compartilhadas pelos grupos, de suas expectativas e interesses e podem ser utilizadas na afirmação de identidades de grupo, ao mesmo tempo em que constroem identidades individuais.

Outra questão importante está nas construções e reconstruções identitárias nas recontagens, já que, muitas vezes, as recontagens acontecem em espaços distintos, podem envolver outros interlocutores que não estavam presentes no momento da contagem e podem ainda ter pontos diferentes, a cada vez que acontecem.

Para os casos de momentos de ‘virada’ na vida de narradores, Mishler (2002, p.110) afirma que

o processo de re-historiação, que tanto marca quanto resulta desses incidentes importantes que são os pontos de virada, constitui uma característica geral de nossas múltiplas identidades, cada uma arraigada a um conjunto diferente de relações que formam a matriz de nossas vidas. Cada um dos nossos eus parciais é um personagem em uma história diferente, na qual somos posicionados de modos diferentes em nossas relações com os outros, que constituem nossos diversos mundos sociais.

Não apenas nos pontos de virada, mas, a cada recontagem, repensamos nosso posicionamento em relação à história e ressaltamos aspectos do “eu” que se mostram relevantes no momento específico daquela interação. A negociação de identidades se dá a cada vez que contamos uma história, já que diferentes audiências podem aceitar ou rejeitar determinadas construções de identidade tanto para o próprio narrador, como para “outros”. Assim, o processo de “re-historiação” proporcionado pela recontagem também será propício à construção de “múltiplas identidades”, pois “a identidade é um construto estratégico sensível às circunstâncias e ocasiões locais” (De Fina, 2003, p.18). Esta concepção não nos

permite que nos atenhamos à identidade como um construto fixo. Antes, ela precisa ser considerada como um processo, como uma concepção emergente na interação e negociada entre interagentes.

Nas narrativas de intercambistas, eles apresentam a si e aos “outros”, negociando suas identidades e identidades de seus conterrâneos e de brasileiros. A cada momento de entrevista, a cada recontagem, vemos a trajetória fluida de construção de identidades, que mostram as percepções do “eu” e do “outro”, no decorrer do intercâmbio.

2.5.

Posicionamentos sobre as abordagens na teoria da narrativa

Nas seções acima, apresentei abordagens teóricas no âmbito das narrativas, relevantes para o desenvolvimento do presente trabalho.

As narrativas de deslocamento, a partir de Baynham & De Fina (2005), embasam o aporte teórico sobre a natureza das narrativas, já que, ao narrarem experiências vividas no decorrer do intercâmbio, os intercambistas estão sempre narrando seus deslocamentos espaciais, temporais, emocionais, socioculturais e linguísticos, relacionados ao movimento de cruzar fronteiras para viverem por um ano em um país diferente. A escolha de vir para o Brasil implica na aceitação de viver em um país no qual não apenas os costumes e regras sociais, mas também a língua são totalmente desconhecidos para estes jovens. Ao narrar suas trajetórias, os intercambistas narram não só a migração entre fronteiras espaciais e temporais, mas a migração social, linguística e emocional.

A migração no entre-lugar linguístico aparece no processo longitudinal das entrevistas, como forma de negociação e apropriação gradativa da ordem interacional e social nos novos contextos vivenciados no país. Na primeira entrevista, feita em grupo, os interagentes se comunicam em inglês (a língua que conseguem compreender e que é escolhida pela própria pesquisadora), não sendo a escolha linguística pautada por uma postura reflexiva na escolha do idioma, mas por falta de opções de escolha e/ou conhecimento da língua local ou das línguas dos países de seus colegas, para a comunicação entre o grupo, nesse primeiro encontro entre a pesquisadora e os estudantes. Nas primeiras entrevistas individuais, apesar da negociação da língua de comunicação, quase sempre a

preferência é dada ao uso do inglês. A única exceção se dá com relação ao intercambista mexicano, que opta por utilizar o “portunhol” como forma de comunicação. No segundo momento de entrevista, o bilingüismo se apresenta tanto para os que preferem se comunicar predominantemente em português quanto para os que fazem uso preferencial do inglês (que é o caso do intercambista dinamarquês). O falar bilíngüe, ou com alternância de código, se dá porque, apesar de a escolha da língua neste momento fazer parte de postura mais agentiva ou pessoal dos entrevistados, ainda há algumas experiências que eles não conseguem expressar na língua local do país assim utilizam o bilingüismo como forma de esclarecer pontos e apresentar idéias. O bilingüismo também ocorre, por vezes, como uma escolha consciente e estratégica, demarcando um jogo de apresentação e negociação de identidades.

Como discutimos anteriormente (ver seção 2.3), em termos formais, a narrativa é definida como uma seqüência de pelo menos duas orações que retratem ou evoquem uma seqüência ordenada de eventos (Labov, 1972; Schiffrin, 1981; Ochs, 2004). Porém, como afirmado por Ochs (2004, p.270) “a temporalidade da narrativa da narrativa não flui necessariamente na ordem cronológica”.

O caráter interacional da narrativa, de acordo com estudiosos da Análise da Conversa (Sacks, 1974, 1992; Jefferson, 1978; Schegloff), indica que toda narrativa requer negociação de turno e atenção partilhada. Tanto em conversas cotidianas quanto em entrevistas é preciso haver um turno mais longo para que se inicie a contagem da história e a audiência precisa estar disposta a ouvir, fazendo comentários e estimulando a continuidade da narrativa. Além disso, as narrativas geradas nos contextos de entrevistas podem ocorrer como resposta tanto para perguntas abertas quanto para perguntas fechadas (Mishler, 1986; Schiffrin, 1997), dependendo da co-construção feita por entrevistado e entrevistador (e por outros interagentes envolvidos).

Ainda no tocante ao caráter interacional das narrativas, na relação entre a entrevista em grupo e as entrevistas individuais, realizadas em diferentes momentos, é possível observar que as histórias contadas na entrevista em grupo geram, muitas vezes, nas entrevistas individuais, segundas narrativas por parte de outros entrevistados, que utilizam as primeiras histórias como base (seja em relação ao ponto, ou em relação ao propósito). Nas entrevistas individuais, no

processo longitudinal da pesquisa, ressaltam-se as recontagens, que às vezes apresentam mudanças no ponto da narrativa ou nas reconfigurações identitárias. Cada recontagem tem seu propósito específico, que pode ser o de reafirmar um ponto, explicar uma situação, pedir apoio para pontos de vista específicos ou negociar novas construções de identidade, ressaltando aspectos do “eu” relevantes para o momento da interação.

As narrativas mostram os deslocamentos pelos quais passam os estudantes, entre suas experiências anteriores e as experiências de intercâmbio. Como trechos de suas histórias de experiências de intercâmbio, elas são contadas e recontadas por um longo período de tempo (pois têm reportabilidade estendida), mas podem sofrer alterações, já que são negociadas no contexto interacional. Nestas narrativas, os intercambistas afirmam e negociam pertencimentos a grupos sociais, étnicos e lingüísticos.

Concebemos aqui as narrativas de intercâmbio como narrativas de deslocamento. Enquanto grandes narrativas, temos o percurso longitudinal narrativizado dos estudantes, trazendo as experiências no processo do intercâmbio, desde a decisão da viagem, a chegada, a permanência no Brasil e o retorno ao país de origem. Enquanto pequenas narrativas, temos as construções de narrativas locais, na ordem da interação, conforme Georgakopoulou (2007) e Bamberg & Georgakopoulou (2008). A ênfase na análise de dados se dá a partir da relação entre perguntas e respostas negociadas de forma estratégica, reflexiva e agentivamente, nos contextos locais. Definimos aqui a agentividade como “a propriedade daquelas entidades (i) que têm algum grau de controle sobre seu próprio comportamento, (ii) cujas ações no mundo afetam outras entidades (e às vezes a si mesmos), e (iii) cujas ações são objetos de avaliação (por exemplo, em termos de sua responsabilidade com certos resultados)” (Duranti, 2004, p.453). Assim, os estudantes, nas narrativas, enquanto uso situado da linguagem, constroem personagens no espaço e no tempo.

A estrutura narrativa apresentada pelos estudos labovianos se mostra relevante na análise dos elementos recorrentes nas estruturas das narrativas, embora de forma flexível. Ainda que os elementos não sejam considerados essenciais para que a narrativa ocorra, muitos desses elementos se mostram recorrentes em variados tipos de narrativas analisadas.

Nos dados aqui estudados, comparo as pequenas narrativas locais na interação aos tipos de pequenas narrativas de Georgakopoulou (2007), e identifico semelhanças e diferenças na estrutura das narrativas encontradas. Da mesma forma, proponho novas classificações, para narrativas que encontro nos dados apresentados, que não se assemelham às propostas por Georgakopoulou.

Construções identitárias relacionam-se aos entre-lugares no sentido de que, ao se deslocarem pelas fronteiras, os intercambistas constroem, para si e para “outros”, no curso das narrativas, identidades múltiplas, que podem ser individuais ou coletivas. Essas identidades são negociadas nas entrevistas, entre os interagentes.

Os indivíduos que se deslocam com o objetivo de conhecer um novo país e uma nova cultura estão entre o seu lugar já conhecido e os novos lugares, entre pessoas e normas com os quais passam a conviver. Porém, diferentemente de alguns processos de mobilidade social, no caso dos intercambistas, os estudantes se encontram em uma situação temporária, já que retornarão ao local de origem, ao seu povo, à sua nação, o que traz a relatividade na relação de mudança de pertencimentos. Eles poderão negociar entre sua identidade nacional e o novo lugar que ocupam, reafirmando o pertencimento a um outro grupo, sem negar, todavia, a possibilidade de pertencimento a novos grupos (família, escola, amigos), que passam a conhecer em maior profundidade, a partir da convivência cotidiana nas pequenas cidades mineiras, no processo de intercâmbio, morando com famílias que os recebem e estudando.